



As potencializações e especificidades do infográfico multimídia como gênero jornalístico no ciberespaço¹

Adriana Alves RODRIGUES²,
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

A infografia ocupa cada vez mais espaço nas discussões do jornalismo digital em decorrência de suas especificidades e potencializações ao ser transportado para o ciberespaço. Com a finalidade de incursionar por este contexto, este artigo trata da exploração das infografias multimídia dentro do jornalismo digital e seu funcionamento como gênero jornalístico ou *cibergênero*. Discute os pressupostos para que esta condição seja alcançada em decorrência de suas particularidades no suporte digital e a elaboração das categorias de análises relativas ao relato visual.

PALAVRAS-CHAVES: infografia; gênero; multimídia; jornalismo digital.

*“De onde vêm os gêneros? Pois bem,
vêm simplesmente de outros gêneros”*

(T.TODOROV)

O CONTEXTO NA MÍDIA DIGITAL

As infografias evoluíram ao longo do tempo até se converterem em formatos multimídia na web, com suas características e recursos próprios. Da mesma forma, os gêneros percorreram um caminho similar se estabelecendo no meio impresso, no meio eletrônico (televisão) até chegar à web. Entretanto, no ciberespaço, os gêneros passaram a incorporar uma discussão mais profunda tendo em vista a falta de consenso se estamos diante de novos gêneros ou da aplicação dos gêneros tradicionais ao novo meio. Esta complexidade se deve ao fato de que a prática do jornalismo digital ainda está em processo de consolidação diante de tantas variáveis apresentadas pelo processo de

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista, professora do curso de Pós-Graduação em Jornalismo e Convergência Midiática da Faculdade Social da Bahia (FSBA) em Salvador e professora do curso de Comunicação Social – jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). É mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e especialista em Jornalismo Contemporâneo pelo Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge). email: adrianacontemporanea@gmail.com



digitalização. No sentido de compreender mais adequadamente o desenvolvimento dos gêneros e como eles atuam no jornalismo digital, iniciamos uma discussão acerca do infográfico multimídia enquadrando-o como gênero no jornalismo digital.

Devido às especificidades que adquiriu, essencialmente, ao ser transposta para o ciberespaço com a agregação de elementos multimídia (áudio, vídeos, fotos, mapas, elementos de interatividade e bases de dados) alguns autores defendem como um novo gênero no cenário do jornalismo digital diante das particularidades apresentadas. (PARRAT, 2001; VALERO SANCHO, 2001; BORRÁS E CARITÁ, 2000; SOJO, 2002; SALAVERRÍA E CORES, 2005; SEIXAS, 204; 2008a; 2008b). Portanto, é corrente a defesa da infografia multimídia como gênero e partimos deste entendimento na construção deste artigo.

Tapuiassauo, o novo dinossauro do Brasil

Conheça a nova espécie de titanossauro do Brasil, descrita por pesquisadores do Museu de Zoologia da USP, e compare-o com todos os dinossauros conhecidos do País
estádio.com.br

Leia a notícia | Comentários 6 | Email | Imprimir | b | t | f | g+ | l | w | t | Texto - +

TAPUIASSAUO | **DINOSSAUROS DO BRASIL** | **A HISTÓRIA DE UM FÓSSIL** | **PASSO A PASSO** | **DINOSSAUROS DO BRASIL**

Tapuiassauo

Conheça a nova espécie de titanossauro do Brasil, descrita por pesquisadores do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. O fóssil foi descoberto em Coração de Jesus (MG), e ganhou o apelido de Jesuíno

Mapeamento de campo
O croqui ao lado mostra a posição exata em que os ossos foram encontrados no campo, de acordo com um gride montado pelos pesquisadores. Os números indicam a posição de cada osso no esqueleto do animal

Passa o mouse sobre o dinossauro e veja detalhes

● LOCAIS ONDE FORAM ENCONTRADAS MARCAS DE MORDIDAS NOS FÓSSEIS | 🦴 OSSOS ENCONTRADOS | 🦴 OSSOS INFERIDOS COM BASE EM OUTROS TITANOSSAUROS

Alimentação
A morfologia dos dentes dos titanossauros não deixa dúvidas de que esses animais eram herbívoros

Comparação
4m | 13m

Figura 1 – Infografia multimídia do Estádio vencedora do Malofiej 2011 na categoria online



Se as infografias atendem aos elementos constitutivos de uma reportagem, que está inserida como gênero informativo, então a infografia pode ser considerada um gênero jornalístico. Se um infográfico muitas vezes é publicado de uma forma completa em si e autônoma, ou seja, sem apenas complementar um texto, logo se têm uma unidade informativa, que dá conta da notícia/informação por si só, assim como as reportagens textuais.

O argumento defendido neste artigo perpassa a idéia de que a infografia apresenta um estatuto, uma linguagem própria, uma especificidade que pode ser enquadrada como gênero, devido às características inerentes ao seu desenvolvimento no suporte digital. Dessa forma, neste artigo, estabeleceremos a relação entre infografia e gênero jornalístico procurando demonstrar que a infografia multimídia é um gênero visual que deve ser incorporado com aproximações com as características do gênero informativo. Será feito um levantamento conceitual da noção de gênero jornalístico até sua exploração como gênero digital para a observação dos seus aspectos de reconfiguração.

GÊNEROS E INFOGRAFIA MULTIMÍDIA

Em princípio, as teorias classificatórias dos gêneros jornalísticos têm sua origem ainda na teoria dos gêneros literários. Foi na Grécia antiga que Platão sugeriu uma classificação, fundamentada em três aspectos e oscilando em entre literatura e realidade, a saber: gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia); expositivo ou narrativo (poesia lírica) e misto (mistura das suas duas classificações anteriores: mimético ou dramático e expositivo ou narrativo). Deste modo, os gêneros jornalísticos passam a ser compreendidos como um desdobramento histórico e específico da literatura, constituído com finalidades sociais (BERTOCCHI, 2005; GOMIS, 1989). O professor Lorenzo Gomis (1989) admite a origem literária dos gêneros jornalísticos, embora em seu livro, preocupa-se em distinguir os gêneros literários dos gêneros jornalísticos visto que para ele há diferenças.

Uma destas diferenças é que ao mesmo tempo em que a literatura simula ações de realidade quando constrói fatos ficcionais e cria personagens, a função principal do jornalismo é fazer saber e fazer entender dos fatos reais, explicando desta forma, o que



se passa com os personagens conhecidos e o que lhes pode passar aos leitores como consequência dos fatos que estão comunicando. Por esta razão, ainda seguindo seu raciocínio, é que os gêneros jornalísticos tenham menos liberdade em comparação com os literários. Tais discussões se dão na década de 1950, mas outros pesquisadores também se detiveram a pesquisar gêneros, como o holandês van Dijk e Gonçalo Martin Vivaldi, também considerado pioneiro na questão dos gêneros expondo, ainda naquela época, os percalços de estudar o campo (SEIXAS, 2004).

Antes de entrar num aprofundamento sobre a questão dos gêneros, convém recordar brevemente algumas etapas em nível internacional sobre a temática, sob a luz de Parrat (2001). Para esta pesquisadora, a evolução dos diversos gêneros jornalísticos tem forte relação com a evolução histórica da humanidade, na qual é possível estabelecer vínculos em duas etapas: a primeira, do jornalismo informativo, compreende até o período da primeira guerra mundial; segunda, do jornalismo interpretativo - também conhecida como "idade de ouro da imprensa"- corresponde ao período desde 1870 até 1920; e a terceira, do jornalismo de opinião, compreenderia desde 1945 aos dias atuais.

Ao longo do tempo, autores e teóricos do jornalismo caminharam com notável discrepância para aprofundar e explorar os estudos dos gêneros no jornalismo. Um dos primeiros centros de investigação a categorizar os estudos dos gêneros foi a Universidade de Navarra, na Espanha, em 1959. Coube à Jose Luis Martínez Albertos o trabalho de pesquisar os gêneros e lecionar. Para ele, a origem dos gêneros jornalísticos, tal qual aparecem hoje, se constituem como um "resultado de una lenta elaboración histórica que se encontra intimamente ligada a la revolución del mismo concepto de lo que se entiende por periodismo" (MARTINEZ - ALBERTO, 1983, p.264).

As classificações sobre os gêneros jornalísticos por parte dos estudiosos e acadêmicos, e nos anos 1960, o pesquisador já definira sua própria classificação, a saber: gêneros de informação (informação e reportagem objetiva), gêneros de opinião (artigos ou comentários) e gêneros de interpretação (reportagem interpretativa e crônica). Na década de 1980, Martinez elabora a "teoria normativa dos gêneros jornalísticos" e se detém na ideia de que quando o jornalista utiliza da narração para contar algo, onde se insere no "mundo dos fatos", não introduz suas próprias percepções nem tampouco faz juízos de valor ao relato noticioso.

Este ciclo de estudos foi marcado primeiramente de aspectos sociológicos, passando pela filológica da sociolinguística, para então ser organizada



metodologicamente aos estudos sobre jornalismo. Um dos primeiros estudiosos a utilizar o conceito de gênero jornalístico foi Jacques Kayser (Parrat, 2001). Além de Martínez Albertos, nomes como Josep Maria Casasús, Llorenç Gomis, Gonzalo Martín Vivaldi, Luisa Santamaría, Miguel Pérez Calderón, Juan Gutiérrez Palacio, Hector Borrat, Begoña Echeverría. Trabalhando por uma teoria dos gêneros ciberjornalísticos, os mais expressivos são Ramón Salaverría e Javier Díaz Noci, ambos espanhóis; Nora Paul e Christina Fiebich, EUA. No Brasil, Lia Seixas e Daniela Bertocchi. .

No Brasil, as teorias dos gêneros jornalísticos começaram a ser desenvolvidas na década de 1970. Dentro da teoria dos gêneros jornalísticos, Luiz Beltrão considera que há três categorias no jornalismo: o informativo, o interpretativo e o opinativo. Entretanto, José Marques de Melo (1985) entendeu, naquela época, que havia apenas duas categorias dando conta de todo arsenal informacional: o jornalismo opinativo e o informativo. Em pesquisas recentes, Marques de Melo e Botão (1995) observaram a recorrência na mídia dos gêneros *informativo* (nota, notícia, reportagem, entrevista), *utilitários* (serviço), *opinativos* (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta) e *interpretativo* (enquete). Somado a estes gêneros, o autor inclui o gênero *diversional* (história de interesse humano e história colorida). (MARQUES DE MELO, 2010). Ainda assim, o autor ressalta que

Na verdade, o comportamento dos gêneros não se altera significativamente, como tem sido demonstrado. Isso também ficou patente em outra pesquisa, quando comparados no contexto dos veículos impressos de maior tiragem nacional – Folha de S. Paulo. (...) Tanto jornais quanto a revista semanal refletem o padrão convencional de jornalismo, privilegiando os gêneros clássicos – informativo e interpretativo – e valorizando fortemente o gênero utilitário, com certa presença do gênero interpretativo e a quase ausência do gênero diversional. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 29)

Para Lia Seixas (2004) as classificações defendidas por autores como Luiz Beltrão, Marques de Melo e Martínez Albertos podem ser reunidas nos critérios de “ 1) finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; 2) estilo; 3) modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4) natureza do tema e topicalidade; e 5) articulações interculturais.” Para tal, a pesquisadora argumenta que havia uma dissociação entre forma e conteúdo.

A maioria dos autores que trabalhou na classificação de gêneros jornalísticos esteve baseada na separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas, pela relação do texto com a realidade (opinião e informação) e deu vazão ao critério de intencionalidade do autor, que realiza uma função (opinar, informar, interpretar, entreter). A função, ao invés de ser vista como ‘intenção’ do autor, deve ser trabalhada como cumprimento dos poderes, papéis e estatuto implicado no contrato de leitura de determinada prática social discursiva (gênero). Além da finalidade, estilo, estrutura (forma) e conteúdo, as tradicionais classificações (Albertos, Beltrão) procuram estar sincronizadas com a geografia, com o contexto econômico, social, político e cultural, com os modos de produção, com as correntes de pensamento e ainda com as noções de objetividade e neutralidade. A finalidade, estrutura (organização textual), o contexto, os modos de produção (modos do discurso) apontam para direções corretas, mas são tratados superficialmente, não desenvolvidos enquanto critérios. (SEIXAS, 2004, p.3).

É possível ainda apontar que para um formato se transforme em gênero jornalístico no jornalismo digital há certas condições para tal feitura como postula Seixas (2008). Ela defende que “só podem existir gêneros jornalísticos se o domínio for determinante para a genericidade de tipos discursivos” (SEIXAS, 2004, p. 1). Ao tratar do aparecimento das novas mídias, autora compreende que existem três aspectos a serem considerados, são eles: “1) um gênero deve ter uma unidade textual, unidade composicional; 2) esta unidade se revela na rotina produtiva e na estrutura redacional; e 3) para um formato se tornar um gênero, precisa se estabilizar institucionalmente em dada formação discursiva.”

O exemplo citado por Seixas é o próprio infográfico, objeto de nosso estudo, pois para ela, a infografia já teria alcançado tais condicionantes para sair de um “formato” e adquirir um *status* de um gênero no jornalismo digital. Em realidade, seria um modo de refletir sobre os condicionantes dos gêneros jornalísticos na Web, identificando novas formas ou “formatos” que emergem no ambiente digital, não apenas para “aniquilar” as antigas, mas no sentido de reconfiguração que o novo ambiente permite com suas inovações em curso lideradas pelo processo de digitalização.

OS GÊNEROS NO CIBERESPAÇO

A preocupação em classificar os gêneros no ciberespaço foi acompanhada pelo desenvolvimento de seus produtos ao longo de mais de 15 anos de jornalismo digital. No âmbito geral, tem-se: (1) gênero interpretativo, (2) gênero opinativo, (3) gênero informativo e (4) gênero dialógico (SALAVERRÍA; CORES, 2003). BERTOCCHI



(2004, 2010), no entanto, refletindo sobre a era do jornalismo do tipo *open source*, prefere pensar os cibergêneros como dentro da era do "jornalismo de código aberto" proposto por Dan Gillmor (2005), isto é, "entramos, naquele momento, na era em que nós somos os *media*, num tempo em que a linha divisória entre produtores e consumidores se esbate. E a rede de comunicações se torna um meio para dar voz a qualquer pessoa" (BERTOCCHI, 2004, P. 1296). A autora destaca ainda que os estudos dos cibergêneros integram um *subcampo jornalístico* em formação, com seus conflitos, contradições, paradigmas específicos da discussão do jornalismo como um todo, pois as mudanças na área são datadas desde o início do século XXI.

Baseado ainda em Marques de Melo, Bomfim Medina (2001) classifica desta forma, que ele denomina de gêneros na comunicação jornalística: informativos, opinativos, utilitários ou prestadores de serviços (roteiro, obituário, indicadores, campanhas, "ombudsman", educacional (testes e apostilas); ilustrativos ou visuais (engloba gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia); propaganda (comercial, institucional e legal) e por fim, de entretenimento que seriam os passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas). No caso do infográfico, ele se enquadra na categoria "ilustrativos ou visuais", definido por Bomfim.

O desenvolvimento dos gêneros ciberjornalísticos acompanha o desenvolvimento do jornalismo produzido para o suporte digital e alguns autores já apontam possíveis taxonomias a respeito dos cibergêneros. Interessante observar que as propostas de tipologias e classificações dos gêneros no ciberespaço ainda se encontram em desenvolvimento, dada a recente apropriação do novo meio - o ciberespaço, onde "estamos frente a um novo paradigma", (DÍAZ-NOCI, 2004).

Salaverría e Cores (2003), ao pensar sobre a tipologia dos gêneros jornalísticos na web, ressaltam que estamos um "processo de hibridação" dos mesmos, onde se encontram em constante mutação e mesclas diversas. Dito isto, eles estabeleceram, porém, quatro fases de desenvolvimento dos cibergêneros na web, a saber: repetição, enriquecimento, renovação e inovação.

1) repetição: esta fase corresponde ao estágio mais básico dos gêneros, constituindo uma mera transposição literal dos gêneros impressos ao ambiente digital. em síntese, trata-se de um modelo que se limita a perpetuar formatos textuais procedentes de outros meios anteriores; 2) enriquecimento: este segundo nível se alcança quando o gênero incorpora possibilidades hipertextuais, multimídias e ou



interativas. isto é, aproveita as características comunicativas do meio, e por esta razão, enriquece seus produtos noticiosos;.

3)*Renovação*: Este nível de desenvolvimento se apresenta quando se recriam gêneros precedentes mediante possibilidades hipertextuais, interativas e multimídias. Supõe a reconfiguração íntegra de um gênero anterior a partir de possibilidades comunicativas do ciberespaço. A infografia multimídia, neste caso, é apontada como paradigma atual do gênero renovado no ciberespaço;

4)*Inovação*: Constitui-se na criação de gêneros jornalísticos para os cibermeios, sem partir de referências prévias dos gêneros anteriores, como o impresso e audiovisuais. Trata-se de um gênero único, criado com linguagem e características próprias. Exemplo disso são os *Weblogs*. (SALAVERRÍA; CORES, 2003).

O INFOGRÁFICO COMO GÊNERO JORNALÍSTICO NO CIBERESPAÇO

O crescente desenvolvimento tecnológico e a exploração da computação gráfica - incluindo tipologias, cores e imagens -, modernizou a forma de apresentação das notícias na mídia impressa e digital para um contexto visual. A infografia, principalmente a multimídia, remete, dentro deste âmbito, a uma reflexão sobre a capacidade de poder ser vista cada vez mais como uma linguagem informativa jornalística independente, um gênero, e não somente como uma ferramenta auxiliar para a transmissão de notícias, considerando que ela ocupa lugar de destaque dentro das produções jornalísticas, num processo de discussões de pauta até o layout final da página impressa ou digital.

Seixas (2006) vê com bons olhos os motivos que levam a infografia ser considerada como uma unidade discursiva produzida pelo jornalismo como um gênero. Para a mesma autora, a infografia produzida na web contém determinadas funções particulares como também, mantém semelhanças com uma reportagem - do gênero informativo - quando responde às questões clássicas.

Por trás, a premissa de que uma unidade discursiva, além da função maior de informar ou avaliar, tem funções mais específicas da ordem da argumentação. Sim, da argumentação embutida na interpretação da realidade. No caso da infografia digital, mais do que ilustrar, o gráfico informativo representa o corrido para explicar o porquê, uma daquelas cinco importantes questões do nosso famigerado lead. (SEIXAS, 2006, n/p).

A autora lança uma pergunta bastante pertinente para o debate sobre os gêneros: estaria a infografia dentro de uma "sub-campo" do jornalismo? Assim como Bertocchi (2010), Seixas assinala que tudo indica que está se produzindo um sub-campo dentro do jornalismo, assim como existe o "jornalismo econômico" ou "jornalismo cultural", etc., mas faz uma ressalva: há um entrave: tais adjetivos estariam se referindo a um elemento diverso. Para seixas, "visual" e "infográfico" (aspas da autora) se direcionam à linguagem. por isso, outro questionamento é lançado: qual deve ser o elemento para definir um sub-campo?

[...] acreditamos que o caminho está na noção de 'campo'. é investigar os elementos-chave como 'habitus'. o que caracteriza o domínio do saber não pode ser apenas o conteúdo. a linguagem também não definiria a atividade jornalística, mas as unidades discursivas desta atividade. a mídia é da ordem do dispositivo, elemento determinante na configuração de técnicas de redação e edição, mas apenas condicionante na configuração de técnicas de apuração. (seixas, 2006, n/p).

Para Borrás e Caritá (2000) é necessário retomar as definições e contribuições desenvolvidas até hoje para inserir a infografia como gênero jornalístico. As autoras julgam os atuais gêneros jornalísticos bastante complexos pelo fato de que constantemente novos tipos textuais vão surgindo e que a cada nova criação, originária principalmente de jornais e revistas, já passa a se integrar nos gêneros jornalísticos. Elas afirmam ainda que o fato das novas tecnologias da informação ter moldado as formas de apresentar as notícias configurando um novo formato na comunicação deveria ser criada na atualidade, provocou o ressurgimento dos **gêneros gráficos**, já que eles vislumbram as novas formas de transmitir visualmente as informações.

A partir da relação que se estabelece entre infografia e gênero, a ideia da infografia como estrutura informativa, possibilitaram as autoras definir três modelos de infografia: *Infototal*: responde todas as perguntas básicas; é totalmente narrativa; *Inforrelato*: pode ser parcial ou escassamente informativa; é semi-narrativa; *Infopincel*: mostra como é determinado objeto; é totalmente descritiva.

O modelo *Infototal* mantém sua estrutura informativa correlacionada com uma , inserindo-se nos gêneros jornalísticos. Portanto, dentro das demais , a *Infototal* e mostra único tipo a ter autonomia própria, quer dizer, ser publicada solitariamente. Já os modelos *Inforrelato* e *Infopincel* exibem característica de uma notícia, sendo necessário para total compreensão, a outro elemento da página, como uma nota, legenda, por exemplo.



Concordamos com as categorias estabelecidas pelas autoras que se mostram vinculadas com o nosso objeto de estudo. Assim, por se tratar de um produto híbrido e mutável na web, onde o estágio atual das infografias versa sob as bases de dados, característica demarcada em pesquisas anteriores (RODRIGUES, 2008; 2009a; 2009b), inserimos outras categorias de análise para uma abordagem em direção ao proposto de delimitar o objeto em torno do gênero, a saber: *Aspectos interativos*, *Aspectos multimidiáticos*, *Estrutura informativa e narrativa*, *Atemporalidade/contextualidade e Atualização*. Estas categorias preliminares nos servem para pensar sobre a discussão.

Aspectos interativos	Trata-se de recursos interativos que permitem navegação multilinear ou intervenções dos leitores/internautas de forma a “dialogar” com o conteúdo como participante ativo.
Aspectos multimidiáticos	A multimídia se constitui num conjunto de elementos convergentes observados potencialmente no jornalismo digital ou nas infografias que integra áudio, texto, fotos, desenho, vídeos, mapas, números e outros recursos.
Estrutura informativa e narrativa	O texto informativo como gênero no jornalismo apresenta elementos básicos e lógica interna para sua narrativa conforme Borrás e Carità (2000) como resposta às perguntas clássicas como <i>o que, quem, quando, onde, como e por que</i> e uma estrutura narrativa que engloba personagens, ações, ambiente, função (do personagem no relato), contexto e o episódio em si.
Atemporalidade/contextualidade	Quando a questão do tempo não é levada como a mais importante, isto é, podem ser feitas infografias sob efeito de notícias de atualidade imediata (<i>hard News</i>) ou atemporais. Aqui o valor-notícia é superestimado.
Atualização	Refere-se às informações que são atualizadas minuto a minuto na medida em que novos fatos/dados vão surgindo. Já há infografias com estas especificações.



Quadro I – Modelo de categoria de análise para o infográfico no ciberespaço. Fonte: elaboração própria

Com base nas discussões teóricas e nas classificações sobre o infográfico como um dos gêneros no jornalismo digital, proposta pelos autores já citados ao longo deste artigo, a intenção, portanto, era obter uma melhor compreensão quanto às formas em que as infografias se apresentam na rede - agora, produzidos num espaço interativo, multimidiático e multidimensional com sua linguagem e forma próprias.

Assim, para o autor Sojo (2002) a infografia é um gênero jornalístico por quatro razões fundamentais: 1) possui uma estrutura claramente definida; 2) possui uma finalidade; 3) possui marcas formais que se repetem em diferentes trabalhos; 4) possui sentido por si mesmo. Ele aponta ainda outra razão para enquadrar a infografia como gênero. Mesmo que o gráfico venha acompanhado de uma mensagem escrita, o mesmo possui sentido próprio, contém uma unidade informativa igual aos demais gêneros.

Buscando ampliar a compreensão sobre esta temática e o enquadramento de que a infografia multimídia como gênero, recorremos ao conceito de infografia postulado por Valero Sancho (2003) que a classifica como “gênero informativo visual”, pois, apresentam uma unidade de informação única que carrega variações próprias e responde aos modelos narrativos e descritivos de forma diversa. Outro argumento de Sancho, como também, em comum acordo com pesquisadores como De Pablos (1991) e Peltzer (1991) é de que a infografia enquanto gênero seja publicado de forma independente.

[...] son instrumentos lingüísticos que tienen la forma de relatos o juicios valorativos. A lo sumo se puede plantear la posibilidad de que, cuando la infografía se presenta como única información disponible, sea una unidad íntegra de información que em determinados casos se situa en el contexto de los gêneros informativos visuales” (VALERO SANCHO, 2003: p. 559).

Para além disso, ele abrange uma outra perspectiva que julgamos relevante ao pensar o infográfico multimídia enquanto gênero jornalístico com estatuto próprio: a noção das características que deve conter na infografia para adquirir tal *status*. “Es evidente que se trata de un género distinto por ser más visual y menos literário que los otros, aunque también pretende narrar total o parcialmente una información” (VALERO SANCHO, 2003, p. 570).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte dos elementos incorporados pelos autores, que classificaram os gêneros jornalísticos na web ou *cibergêneros*, as quais, alguns foram trazidos para a discussão neste artigo, apontam para um campo ou subcampo em permanente construção e suscetível a renovações, assim como os demais gêneros (notícia, reportagem) que, estando em um novo ambiente, logo há reformulações para adequar-se ao novo suporte. A infografia prima, em princípio, pelo mesmo rigor e checagem de apuração quando comparados aos demais gêneros. A diferença dela reside, porém, que seu relato se dá de maneira visual, estético, aliados aos recursos multimidiáticos e interativos, mas sem perder de vista a função primordial que é informativa.

Os aspectos multimídia continuam sendo uma das características mais valorizadas e inovadoras do jornalismo digital, sobretudo, quando explorados nos infográficos. A convergência de texto escrito, som, imagens em movimento, fotos, números, mapas e vídeos num mesmo discurso informacional, aponta para dinamizar a magnitude estrutural do gênero na web. A narrativa integrada por estes elementos multimidiáticos, não só corrobora com a nossa idéia, como vai além, transcende com as possibilidades e potencialidades em unir formas cada vez mais integradas com os elementos ofertados pelo ambiente, esgotando a narrativa sem que precise recorrer a materiais complementares. Deste modo, se enquadra na proposta determinada por Borrás e Caritá (2000) de *Gêneros Gráficos*.

A multimídia, interatividade e as bases de dados, neste sentido, se mostram como armas capazes de propiciar a renovação dos gêneros jornalísticos no ciberespaço, extrapolam com as limitações e, em certa medida, alguns de seus desafios tradicionais. A integração dos elementos multimídias e inserção das bases de dados contidos nos infográficos talvez seja exatamente este o ponto onde perpassa a renovação deste cibergênero no jornalismo digital.

Portanto, o infográfico como gênero jornalístico mantém, em alguma medida, muitos de seus aspectos tradicionais - como a estrutura de um gênero tradicional (narrativa, resposta às questões básicas) -, e avança em outros mais voltados para às características da Web (multimídia, interatividade, atualização). A velocidade das mudanças no ambiente digital serve como impulsionadora ou estimuladora de novos desafios e interrogações nestas estruturas visuais.



REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e técnica**. 2º edição. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BERTOCCHI, Daniela. **Gêneros jornalísticos em espaços digitais**. Publicado nas Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), "Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação", 20 e 21 Outubro 2005, Universidade de Aveiro, Portugal. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>
Acesso em: 10 ago de 2008.

_____, Daniela. Gêneros no ciberjornalismo. In: MARQUES DE MELO, J; ASSIS, F. (orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BORRÁS, Leticia; CARITÁ, María Aurelia. **Infototal, inforrelato e infopincel. Nuevas categorías que caracterizan la infografía como estructura informativa**. In: Revista Latina de Comunicación Social. Número 35. Noviembre de 2000 [extra "La comunicación social en Argentina"], La Laguna (Tenerife). Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/17borras.htm> acesso em 22 maio 2008

URL:<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/36infojordi.htm>

Acesso em: 22 set. 2005.

DE PABLOS, JOSÉ MANUEL. **SIEMPRE HA HABIDO INFOGRAFIA**. IN: REVISTA LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL. NÚMERO 5. MAYO DE 1998. LA LAGUNA. TENERIFE. DISPONIVEL em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.html> Acesso em 20 out. 2005.

_____, JOSÉ MANUEL. **INFOPERIODISMO. EL PERIODISTA COMO CREADOR DE INFOGRAFIA**. MADRID, EDITORIAL SÍNTESIS, 1999.

DÍAZ NOCI, JAVIER; SALAVERRÍA, RAMÓN. (COORDS.) **MANUAL DE REDACCIÓN CIBERPERIODÍSTICA**, BARCELONA: ARIEL COMUNICACIÓN, 588 PAGES, 2003.

Díaz Noci, Javier. **Los géneros ciberperiodísticos: una aproximación teórica a los cibertextos, sus elementos y su tipología**. Paper apresentado no II Congresso Iberoamericano de Periodismo Digital, em Santiago da Compostela, 2004. Disponível em: <http://www.ehu.es/diaz-noci/Conf/santiago04.pdf> Acesso em 21 nov. 2008.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria dels gèneres periodístics**. Barcelona, Centre d'Investigació de la Comunicació, 156 p. 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: definições e funcionalidades**. 2002. Disponível



em:http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf Acesso em 13 set. 2008.

_____, **a questão do suporte dos gêneros textuais**. 2003. In: Projeto Integrado: “**Fala e Escrita: Características e Usos**”, em andamento no *NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita)*, Depto. de Letras da UFPE
Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc> Acesso em 13 set. 2008

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição revista, 1994.

_____, José; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTINEZ Albertos, Jose Luís. **Curso general de Redacción Periodística**. Barcelona: Paraninfo, 1983

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero**. Artigo apresentado na Intercom, 2001. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/viii-sippec/gt05/ Acesso em 05 set 2007.

PARRAT, Sonia Fernández, **El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación**. In: *Revista Zer* (11), 2001. Acessado em: 25/10/2006 Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/zer11web/sferparrat.htm>
Acesso em: 10 jul. 2008.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo Iconográfico**. Lisboa: Planeta, 1991.

RIBAS, Beatriz. **Infografia Multimídia: Um modelo narrativo para o webjornalismo**. Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, FACOM/UFBA, novembro de 2004. disponível em: www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_ribas_infografia_multimidia.pdf
Acesso em: 30 out 2005.

RODRIGUES, Adriana Alves. **Infografia na revista Veja: a imagem gráfica como indução do leitor**. Campina Grande, 2005. P.85. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Comunicação Social-Jornalismo, Universidade Estadual da Paraíba.

_____, Adriana Alves. **Infografia em Base de Dados no Jornalismo Digital**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR), 6., Universidade Metodista de São Paulo, 19-21 nov. 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2008. Disponível em http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual_02_adrianaalvesrodrigues.pdf

_____, Adriana Alves. **Base de dados e infografia interativa: novas potencialidades, conceitos e tendências**. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino (orgs). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,



2009a.

RODRIGUES, Adriana Alves. **Infografia em base de dados no jornalismo digital**. 2009b. (dissertação de mestrado) - FACOM, UFBA, Salvador.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redación periodística en internet** . Barcelona: EUNSA, 2005.

_____, Ramón e CORES, Rafael. **Gêneros periodísticos en los cibermedios hispanos**. In: SALAVERRIA, Ramon (coord.). Cibermedios – el impacto de internet en los medios de comunicación en España. Sevilla: Comunicación Social, 2005.

SEIXAS, Lia. **Gêneros jornalísticos digitais: Um estudo das práticas discursivas no ambiente digital**, 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/liaseixas2004.doc>
Acesso em: 7 out. 2008.

_____, Lia. **Gênero também é poder**. Disponível em: <http://generos-jornalisticos.blogspot.com/2006/10/gnero-tambm-poder.html>
Acesso em: 24 jun. 2008a

_____, Lia. **O poder de ser um gênero jornalístico: novos formatos se tornam novos gêneros?** In: In: Anais do 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), novembro de 2008b

SOJO, Carlos Abreu. **Periodismo Iconográfico. ¿Es la infografía un género periodístico?**. In: Revista Latina de Comunicación Social, número 51, junio-septiembre de 2002, La Laguna(Tenerife). URL: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2002abreujunio5101.htm>
Acesso em: 16 jun. 2005

TODOROV, T. 1980. **Os gêneros do discurso**. São Paulo, Martins Fontes, 306 p.

VALERO SANCHO, José Luis. **La Infografía: Técnicas, Análisis y Usos Periodísticos**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001